Paulo Felipe Silva de Souza sobre palavras

Rua Tocantins nº 2, Bairro Dom Aristides

Marituba, CEP: 67200000

(91) 9 9273-6624

paulo.felipe.camoes.cidade@gmail.com

# Criancê: a criança que habita em mim saúda a criança que há em você

## Por Paulo Felipe Silva de Souza

O propósito deste livro é apresentar ao meu filho um personagem que ele jamais verá dado a implacabilidade da linha do tempo – a criança que habita em mim.

Procurei algo que possa ser considerado o início dessa história. O mais sensato seria dizer que começamos no exato momento em que nasci, mas isto não seria o início se olharmos com mais cuidado: Eu não teria nascido se meu pai não conhecesse a minha mãe, se não tivesse tentado ensinar a ela como dirigir aquela brasília; pelo lado dela, eu não teria nascido se ela não tivesse abandonado sua antiga cidade, fugindo da pobreza, e tivesse vindo parar em Marituba para trabalhar na casa de seus patrões.

Desse provável e mais distante início da minha história, nem posso me aventurar muito, pois quando meus pais se separaram, cada um fez questão de me contar uma versão diferente. Ignorei ambas.

Voltando para o dia do meu nascimento, este seria um péssimo início: É somente uma série de relatos de um ser chorando e metabolizando energia como todos os demais mamíferos e outros animais do planeta Terra. Nisto todos são iguais. Não há nada que possamos conversar sobre aquilo que temos infinitamente em comum:

– “Oi, você respira? ”

– “Sim”

– “O que? ”

– “Oxigênio. ”

– “Nossa, que coincidência, eu também! Conte-me mais sobre seu gás favorito”.

Viu?

Por isso, o momento em que eu realmente apareci enquanto criança e pessoa foi aos cinco anos de idade, quando o avião dos integrantes da banda mamonas assassinas caiu.

Longe de mim tentar te persuadir a gostar destas músicas. Na verdade, o adulto que há em mim jamais te recomendaria... só a criança que há em mim, esta sim, gostaria muito de ouvir essas músicas com você.

O Lebinho gostava de assistir Jaspion, mas sua mãe tinha outro canal favorito. É sério que vou ter de explicar que antigamente as famílias possuíam em suas casas somente uma televisão?

Meu desenho favorito era o Pica-pau. Depois de acordar, eu ia direto para a sala, ligava a televisão, sem ainda ter tomado café, e passava a manhã assistindo desenhos. Aliás, essa é a parte de que o adulto que habita em mim sente falta também.

O Lebinho, meu primo, chegava pelo pátio, perguntava o que eu estava assistindo só para não parecer que trocava de canal impondo sua força e estatura dadas por alguns anos a mais em relação a mim. Sim, ele veio ver o Jaspion.

Eu tinha medo daqueles monstros gigantes, o som sinistro e os olhos gigantes e brilhantes do Daileon surgindo em meio a uma imensa escuridão me aterrorizavam. Era criança de mais para saber se eram reais ou apenas efeitos visuais. Como o Devani era alguns anos mais velho que eu, a vergonha me impedia de dizer a ele que tinha medo daquele “desenho de verdade”, queria parecer um pouquinho adulto como ele era.

Nos poucos anos que se seguiram, tive vários sonhos com o robô gigante do Jaspion me perseguindo. A cena se repetia parecido em cenários diferentes, ora ele surgia por trás dos açaizeiros da rua de casa, ora surgia por trás das sequências de casas do centro de Marituba, onde minha avó morava. E aquele som do monstro... continuava arrepiante. Uma vez, acordado, senti um calafrio na espinha ao ver os altos açaizeiros balançarem com uma forte ventania. Seus imensos galhos, nesta noite, se moviam como a imensa boca de um jacaré mastigando sua presa.

Foi o Devani que me apresentou as músicas dos Mamonas. Era um radinho à pilha que usávamos. Este fora emprestado, ou esquecido em casa, por um antigo conhecido da minha mãe, cujo apelido era Índio. Ah! Lembrei, ele penhorava seus utensílios em troca de dinheiro para sustentar seu vício em álcool.

Que segredo havia naquelas músicas para cativar minha atenção? Por que eu gostava tanto a ponto de sentir grande euforia? Eu não sabia ainda o que era dançar, mas eu tinha uma vontade imensa de me sacodir e também de chamar o Devani para ouvir junto comigo.

Para mim, aquela pequena fatia de mundo e tempo significava o Sempre.

Sim, uma parte de mim gostaria muito de morar em um ciclo de tempo onde eu acordaria no quarto da antiga casa. Minha mãe estaria fazendo algum mingau para mim e para meu irmão de colo. Abriria uma pequena passagem no mosquiteiro, passaria pelo corredor, ligaria a TV Semp Toshiba antiga no canal do SBT e assistiria o Pica-pau. O sofá de frente à TV fica de costas para a janela do pátio e este termina limitado por um gradeado em forma de flor que eu gosto de subir desafiando o meu resquício de medo de altura.

Essa parte seguinte você já conhece: o Devani chega, pede (manda) para mudar de canal e o Robô do Jaspion me aterroriza novamente... então, quando parecia transcorrer igual ao dia anterior, eis que aprendi a primeira lição da vida: os ciclos, por mais longos que sejam, terminam em uma sinistra fuga pela tangente.

"Felipe, Felipe" – Disse o primo Lebinho - "acorda!".

Ele já tinha tirado boa parte do mosquiteiro, quando me dei conta de sua presança. Ele chorava, mas não parecia que tinha se ferido, ou que sua mãe tinha lhe ensinado alguma “lição”.

– "Os mamonas assassinas... morreram" – Essa última palavra lhe saiu engasgada. Fomos à casa de sua mãe a duas casas da minha para ver o noticiário. Estavam lá, pulando e dançando como de costume. E melhor ainda, ao mesmo tempo, nas duas emissoras de maior notoriedade. Ambos, Gugu e Faustão disputavam qual era o apresentador que melhor homenageava a banda e também cobria o resgate ao vivo dos corpos. Era impossível estarem mortos, estavam, sim, duas vezes mais vivos. Trocar de canal e vê-los, só reforçava esta certeza. Foi o Devani quem questionou sua mãe sobre aquela mentira que tínhamos ouvido falar: "Eles estão aí, mãe, estou vendo eles!".

– "É só uma gravação, Devani, eles não estão aí de verdade, isso foi gravado".

E mais uma vez, o Lebinho chorava e limpava os olhos com o antebraço. E eu? Eu não chorei. Não chorei naquele dia. Não chorei durante toda a semana de homenagens. Eu não sabia o que era a morte, não sabia sobre este tipo de partida, ou despedida. Foram longos vinte anos da minha vida sem derramar uma lágrima. E quanto mais a carapaça do adulto me envolvia com novas responsabilidades, emprego, estudos e formações, mais a criança sufocava seu luto.

Até quando uma represa consegue aguentar o rio que lhe pede passagem constantemente?

Foi numa rotina ferrenha dentro do meu primeiro emprego como economista, dentro de um escritório, que o rio da infância cobrou seu curso, sua passagem. Foi um dia cheio de reuniões e resolução de problemas administrativos na empresa. Meu peito palpitava. Eu não estava bem, mas não sabia dizer o motivo. Fui pego com uma vontade imensa de pedir para sair mais cedo e ir embora para casa. Mas qual casa? A casa para onde eu gostaria de ir não existia mais. Sendo honesto, ela continuava lá no mesmo lugar, eu morava nela, mas o que eu realmente queria era uma fatia dela num tempo que só existia na minha memória. Essa constatação me arrebatou em ataques de pânico. Foi o primeiro que tive. A sensação era de quando meu pai saia para trabalhar no taxi e eu sai correndo em vão para tentar alcançar sua D vinte. Não importava quão rápido eu corresse, seu carro era muito mais rápido. Restava-me a opção de chorar e ser tomado no colo pela minha mãe, que me levava de volta para casa. Chorar é uma arma poderosa que a infância nos dá, mas que na vida adulta não usamos muito para se curar das dores emocionais.

A temperatura do ar-condicionado marcava dezesseis graus. A sala estava gelada, minhas mãos estavam frias, mas o meu peito estava quente. Minha respiração era seca e parecia não encher de oxigênio os meus pulmões. Eu estava rachado em dois seres: a criança habitante pioneira e o hospedeiro adulto que insistia em tomar a dianteira em todas as decisões.

Finalmente, naquele dia, ao chegar em casa, busquei no Spotfy uma música dos mamonas assassinas. Eu finalmente vivi o meu luto, com toda a compreensão do significado do último adeus.